

# O retorno do conciliador *Samuel*

WALTER GOMES

Nenhum político será o mesmo após exercer a Presidência da República. O mandato, uma espécie de prisão festiva, ensina-lhe lições inimagináveis de vida e de comportamento humano. O aprendizado, com prazo certo, mostra-lhe ao vivo situações de perplexidade, assombro, angústia e sofrimento. Proporciona-lhe, também, momentos de glória. O poder, finalmente, é a meta do homem. Cada um tem a perspectiva do domínio, dentro de variantes alimentadas por ambições desenfreadas, pretensões ambíguas ou objetivos realistas. Há, até, os que ganham o comando por obra da fatalidade. Os deuses da política têm seus ungidos.

O acaso levou o místico José Sarney ao Palácio do Planalto, num dos instantes mais dramáticos da nossa história recente. Vindo da chefia do PDS, sustentação político-parlamentar da ditadura, aliou-se ao PMDB para desarmar a estrutura autoritária montada pelos militares. Aceito com restrições pelas bases partidárias e com explícitas reservas por algumas lideranças da legenda, compôs a chapa encabeçada pelo pragmático Tancredo Neves. Vitoriosos no contestado colégio eleitoral criado pelo autoritarismo dos generais-presidentes, não conseguiram subir juntos a rampa que os levaria a edificar a Nova República, como imaginara a sociedade brasileira.

Alguém por quem se esperava e que se chamava esperança ficara no meio do caminho. Tancredo, o engenheiro minucioso e talentoso, construíra a obra, mas não estava predestinado a vê-la pronta e a admirá-la. Horas antes da posse, o mineiro iniciou a caminhada para o calvário. Da glória, seguiu para o holocausto. Vítima de sua própria imprudência, padeceu e morreu.

Em nome do destino e com as tintas da tragédia, a política pintara um quadro surre-

alista. O interlocutor dos militares, perplexo e preocupado, era o novo Presidente da República. Temeroso da incompreensão, referendou os ministros escolhidos por Tancredo. Cometeu, naquele dia, o subseqüente à morte do arquiteto do mais criativo projeto político da contemporaneidade nacional, um grande erro. Outro, mais adiante, foi a insistência para ganhar cinco anos de governo. Os fisiologistas cercaram-no e, em seguida, aprisionaram-no.

A solidão do poder, que lhe foi dado com a marca do drama, fê-lo, também além de indeciso, dependente dos humores da liderança do PMDB, à frente o contestável Ulysses Guimarães. O partido só deixou quando não mais lhe apetecia a gestão solidária do poder. Beneficiado pelo Furo Cruzado, saíra das urnas disposto a dar ordem ao Presidente. Concordou em conceder-lhe o mandato pretendido, mas fez os ministros que desejou e usou a máquina administrativa para fortalecer seus núcleos interioranos, o que não representou o prestígio esperado. Foi destruído seu império. Doutor Ulysses, candidato à sucessão do ex-alidado, levou a legenda ao maior revés.

Sarney, espezinhado pelo seu sucessor desde a campanha, portou-se com a dignidade que a liturgia do cargo exigia. Desceu a rampa e voltou à planície. Recolheu-se à meditação. Das reflexões na Praia do Calhau, renascera o conciliador. Vetado pelo PMDB do Maranhão, foi ao longínquo Amapá para fazer o sermão da pacificação. Foi julgado e absolvido. Ganhou o mandato de senador, que exerce acima de eventuais ressentimentos. Em nenhum momento criou obstáculos ao presidente da República. Ao contrário, preocupado com o isolamento de seu sucessor, está na linha de frente dos que pregam o entendimento nacional.

Retornou fortalecido e com grandeza. O País precisa ouvi-lo.